

Quando o patriotismo não tem idade

Jovem raptado recusou ser bandido

• No dia em que recebeu arma fugiu com ela e apresentou-se às autoridades

por Abel Faife (texto) e Azarias Inguane (foto)

Em exemplar atitude de coragem e patriotismo, um jovem de 17 anos, Alexandre Zaqueu Maundze, de seu nome, raptado e treinado pelos bandos armados em Inhambane, desertou das fileiras do crime no próprio dia em que recebeu a arma que o qualificava como «pronto» para assassinar o seu povo. Portador da sua arma, fugiu de regresso a casa, de onde, acompanhado pelo pai, seguiu a apresentar-se às autoridades locais,

Nascido em Vilanculo, Alexandre Zaqueu Maundze concluiu há mais de dois anos a 4.ª classe, numa escola da sua zona. Foi raptado por uma força de bandidos armados em 22 de Janeiro deste ano.

Eram 10 pessoas. Levaram-me até a um acampamento localizado na área de Mungodzi, onde me meteram na instrução durante 19 dias — começou por dizer-nos o jovem Maundze, entrevistado pelo «Notícias» em Inhambane.

Depois, transferiram-me para o acampamento de nome, o mais importante que consideras, o quartel-general dos bandos armados em Inhambane. Aqui também fui submetido à instrução e em 27 de Abril deram-me arma, uma AKM.

A FUGA

Nesse mesmo dia fugi com a minha arma de regresso à casa. Quando cheguei contei tudo ao meu pai e ele acompanhou-me à Sede do Partido em Vilanculo, onde fui apresentar-me.

— Mas como conseguiste fugir de um acampamento tão importante? — interrogámos.

Ao todo éramos oito, fugimos de noite. Durante a caminhada eu soube que os outros não queriam regressar

às suas casas, mas s'm lugiam de Tome para pequenos acampamentos; também dos bandidos armados existiam perto das suas casas. Quando soube disso decidi afastar-me deles e, então, já quase de madrugada, consegui enganar-me com a história de ir fazer necessidades e separando-me, consegui fugir-lhes.

— São muitas as pessoas aptas das que depois fogem dos bandos armados? — a esta questão o jovem Maundze responde:

S'm são muitas. So na minha zona, depois de mim, fugiram mais três enquanto eu lá estava.

A VIDA NO QUARTEL DOS BANDIDOS

Instado a falar de alguns aspectos que observava nos acampamentos inimigos, Alexandre Maundze afirmou que no primeiro acampamento onde estivera, em Mungodzi, nada se passava de especial. De dia havia treinos de futuros bandidos, na quase totalidade raptados.

Por vezes os chefes tocavam apito, então havia formaturas dos bandidos já treinados. Nessas formaturas s'm dos chefes que distribuíam armas e munições, havia outros que faziam, a preparar grupos que saíam para os ataques. Todos os dias d-

perante as quais denunciou tudo, fornecendo importantes informações estratégicas. Estas informações viriam a contribuir para o sucesso da operação de assalto e desmantelamento do mais importante acampamento inimigo na zona, conduzida pelas Forças Armadas de Moçambique (FPLM). Mas o jovem Maundze é apenas uma de entre as numerosas pessoas que diariamente fogem das hordas do banditismo em várias zonas do País.

diam quase a mesma coisa, que se preciso matar e destruir tudo para acabar com o socialismo, porque é mau». Nunca explicavam por que razão dizem que é mau, e não se pode perguntar nada.

— No acampamento central, em Tome, também era assim?

Bem, ali já era grande e nós os jovens não podíamos ver tudo porque

«Desde que cheguei até à minha fuga de acampamento de Tome, em Vilanculo estavam lá seis brancos sul-africanos a ensinar, em inglês, os bandidos que iam operar com rádios e emissores-receptores» — afirmou Alexandre Zaqueu Maundze.

há lugares onde não podíamos entrar. Mas lembro-me que às vezes chegavam aviões vindos da África do Sul, sempre à noite. Uma vez vieram num dos aviões muitas mulheres pretas mas muito claras nunca tinha visto pessoas pretas assim tão claras. Disseram-nos que se destinavam aos comandantes.

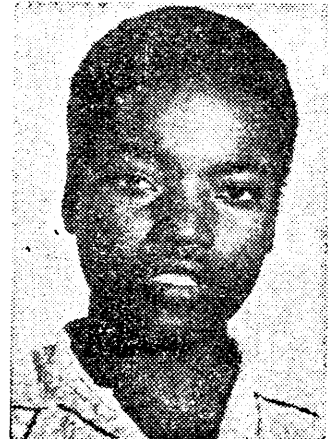
PRESENÇA DE SUL-AFRICANOS

Outras vezes vinham aviões para lançar caixas cheias de espingardas, balas e outro material de guerra. Esses aviões nunca aterravam. No acampamento, quando anoitece, há chefes que vão fazer fogueiras em vários lugares, então durante duas noites vi chegar um avião que acendeu uma luz muito forte, cá em baixo ficava quase tão iluminado como de dia (holofotes) e então começavam a cair caixas amarradas a uma espécie de guarda-chuva grande (para quedas). Depois havia grupos preparados para ir recolher aquelas caixas muito pesadas, eu também fui uma vez destacado para carregar e depois os aviões desapareciam.

Além deste caso de aviões — prossegue o jovem Maundze — lembro-me também que desde que cheguei até à minha fuga de Tome estavam lá seis brancos sul-africanos. Eles ensinam coisas em inglês, principalmente àqueles que vão operar com rádios e outras máquinas (pela inscrição feita deduzimos que com outras máquinas) o jovem referia-se emissores-receptores).

Segundo revelaram a Informação

fontes das FDS em Inhambane, algumas informações dadas por este jovem contribuíram para o sucesso da operação de assalto e desmantelamento do acampamento inimigo de Tome, então iniciada pelas nossas forças.



«No acampamento de Tome, vi aviões à noite a lançarem caixas de material de guerra em para-quedas» — disse nos o jovem Alexandre Zaqueu Maundze, que fugiu do bando armado depois de raptado e treinado por estes

?/9?/83